

AYAHUASCA E RESPIRAÇÃO HOLOTRÓPICA COMO PROCESSOS CRIATIVOS: CENÁRIO DE INVESTIGAÇÃO

Matheus Moura Silva¹

RESUMO: O presente artigo trata do contexto de investigação do doutoramento realizado por mim sob orientação e participação de Edgar Franco. A pesquisa envolve Estados Não Ordinários de Consciência – ENOC, por meio da ingestão de Ayahuasca e da técnica terapêutica chamada Respiração Holotrópica, para a criação de histórias em quadrinhos. Algumas destas HQs foram desenvolvidas em parceria com Franco. Aqui busco apresentar ambos os métodos de ENOC, descrever quando, onde e em quais circunstâncias eu e Franco estávamos ao utilizarmos de tais métodos. O intuito é introduzir o leitor às questões legais envolvidas, ao modo de coleta de dados para a criação de quadrinhos visionários e à experiência de ampliação de consciência. Viso menos tratar dos processos criativos, me atendo mais em expor as dificuldades e obstáculos enfrentados no decorrer da pesquisa. Ao final considero a respeito da importância e pioneirismo da investigação desenvolvida por mim e por Edgar Franco dentro da UFG.

Palavras-chave: ENOC; quadrinhos; arte visionária; criatividade

ABSTRACT: This article deals with the research context of the doctoral studies conducted by me under advising and participation of Edgar Franco. The research involves Non-Ordinary States of Consciousness - NOSC, through the ingestion of Ayahuasca and the therapeutic technique called Holotropic Breathing, for the creation of comic books. Some of these comics have been developed in partnership with Franco. Here I try to present both methods of NOSC, to describe when, where and under what circumstances Franco and I were using these methods. The aim is to introduce the reader to the legal issues involved, on collecting data for the creation of visionary comics and to the experience of expanding consciousness. I aim to deal less with the creative processes, but I focus on exposing the difficulties and obstacles faced in the course of the research. In the end I consider the importance and pioneering of the research developed by me and Edgar Franco within the UFG

Keywords: NOSC; comics; visionary art; creativity

¹ Quadrinhista, doutorando em Arte e Cultura Visual no PPG Arte e cultura Visual da FAV/UFG.

INTRODUÇÃO

Falar a respeito de Edgar Franco, para mim, não é segredo. Existem diversos textos sobre a vida e obra do autor disponíveis para consulta. Entrevistas também não faltam. Durante o mestrado, realizado entre 2011 e 2013, fui orientado por ele e desenvolvi uma pesquisa com o intuito de investigar os processos criativos das histórias em quadrinhos poético-filosóficos – criadas por Franco juntamente com outros autores no decorrer da década de 1990. A parte dedicada ao artista, desenvolvida na dissertação, está disponível na revista *Plurais*, publicada pela Universidade Estadual de Goiás, em 2014². No texto discorro quanto à biografia, obras e processos criativos de Franco, além de analisar detalhadamente algumas HQs selecionadas. A pesquisa de mestrado incluiu ainda a criação artística de quadrinhos poético-filosóficos com os autores estudados – Franco, Gazy Andraus e Antonio Amaral. Todas elas foram publicadas em uma edição especial da *Camiño di Rato*, edição 6, de 2013³. Antes de ser orientado por Franco, já havia editado e publicado quadrinhos dele em edições anteriores da *Camiño di Rato*, desde o primeiro número lançado em 2008.

Ao receber o convite para escrever este artigo, decide falar de um aspecto pouco ou nada abordado por mim no mestrado: os processos criativos a partir de Estados Não Ordinários de Consciência – ENOC. Este é um ponto em comum com Edgar Franco que descobri por acaso. A primeira vez que o vi mencionar o uso de enteógenos⁴, para criação artística, foi em 2011 durante uma fala dele em um evento na UEG, em Anápolis (GO). Pouco depois, passamos a conversar a respeito e foi então que compartilhou a primeira experiência com os cogumelos mágicos, realizada em parceria com a esposa. Desde então participei com ele de várias experiências psiconáuticas, algumas chegaram até a render HQs em conjunto.

Parte destas experiências foram realizadas visando mais do que a criação artística em si. Fazem parte da pesquisa desenvolvida no meu doutorado, sob orientação de Franco. A proposta inicial era discutir os processos criativos de histórias em quadrinhos por meio de ENOC, e dentre

2 O artigo pode ser acesso pelo link <http://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/2761>

3 Mais informações sobre a edição e como baixar a versão digital gratuita, acessar o link: <http://tokadirato.blogspot.com.br/2013/04/camino-di-rato-6.html>

4 Plantas ou fungos psicotrópicos.

eles incluía o uso de *Psilocybe cubensis*, os cogumelos mágicos. No entanto, dirigentes da Pós-Graduação fizeram ressalvas quanto aos possíveis problemas legais com a pesquisa caso fossem usados os ditos cogumelos⁵. Após longo trâmite do projeto no Comitê de Ética da UFG, a pesquisa de doutorado foi aprovada, tendo sido liberado o uso de ayahuasca e respiração holotrópica como agentes de ENOC para criação artística, no caso quadrinhos.

Franco, particularmente, utiliza distintos modos de indução de ENOC. Dentre estes há: os mencionados cogumelos, Ayahuasca, Respiração Holotrópica, Harmonização Quântica ao Som de Tigelas de Cristal de Quartzo e Sigilos Mágicos. As investigações pessoais do artista, com relação aos ENOC, extrapolam os limites da academia. São experiências artísticas sem necessidade de validação institucional – apesar de tê-la ao publicar em revistas e anais de eventos artigos relatando os processos criativos gerados por indutores de ENOC. Porém, é importante haver uma chancela institucional para validar, dentro dos parâmetros da academia, a pesquisa desenvolvida com agentes expansores da consciência. O projeto de doutorado, Quadrinhos Visionários, ao ser aprovado no comitê de ética validou as investigações com ENOC realizadas tanto por mim quanto por Franco. Além de orientador da pesquisa, ele é ainda um dos investigadores incluídos no projeto encaminhado ao comitê. Somente assim seria possível criar HQs sozinho e em parceria por meio de ENOC durante o doutoramento. No decorrer do artigo me atenho a investigação ligada ao doutorado, justamente devido ao explanado acima. São feitas descrições dos principais conceitos relacionados aos indutores de ENOC usados. Descrevo ainda o ambiente em que foram realizadas as experiências com ayahuasca e respiração holotrópica. Locais estes onde foram obtidas as visões posteriormente transformadas em quadrinhos.

INDUTORES DE ENOC: Ayahuasca e Respiração Holotrópica

Neste tópico o intuito é apresentar ao leitor os dois indutores de estados não ordinários de consciência escolhidos para a pesquisa: Ayahuasca e Respiração Holotrópica. O primeiro é de origem botânica, uma bebida indígena constituída de duas plantas – serão melhor detalhadas no decorrer do texto. O segundo, foi desenvolvido por um médico-psiquiatra tcheco chamado Stanislav

⁵ Os cogumelos *Psilocybe cubenses* não são proibidos no Brasil, apenas a substância contida nele, caso seja extraída ou sintetizada. A posse ou uso dos cogumelos em si não ocasionam contravenção penal, no entanto, para uma pesquisa acadêmica não é possível usar os cogumelos ou outras substâncias proscritas pela Anvisa sem o devido aval institucional e controle da substância.

Grof, juntamente com a esposa, Christina Grof, como método de terapia. A ayahuasca possui uma vasta bibliografia a respeito em diferentes campos do saber, tendo a antropologia, etnobotânica e psicologia como as principais. Mas se estende ainda à psiquiatria, neurologia, química, sociologia, artes e áreas afins. Já a Respiração Holotrópica tem base bibliográfica focada na psicologia.

A escolha para os indutores de ENOC parte de duas premissas básicas: a segurança da pesquisa e a exigências legais solicitadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UFG (aprovado no parecer nº 1.538.334). Como a Respiração Holotrópica, por se tratar de uma ferramenta terapêutica, criada por um psiquiatra renomado, foi desenvolvida para propiciar um ambiente seguro ao *respirante* e é conduzida por psicólogos capacitados, não há complicadores quanto seu uso na pesquisa. Já a escolha da ayahuasca é por ela ser o único psicoativo legal no país, desde que usado de modo religioso. Qualquer outra substância psicotrópica é proibida, inclusive, para pesquisas acadêmicas. Se, mesmo assim insistisse na investigação com substâncias proscritas, precisaria de uma autorização da ANVISA e as drogas retiradas na própria Polícia Federal. Porém, o percurso é moroso e não haveria tempo hábil para a espera de resoluções em tais patamares do governo, o que poderia prejudicar o andamento da pesquisa. Para evitar questões legais, a ayahuasca se torna a única representante das substâncias psicotrópicas dentro do escopo desta investigação de processos criativos. No Brasil, a legislação vigente sobre o uso ritual da ayahuasca foi definida com a Resolução nº 4, de 04 de novembro de 2004 pelo Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas – CONAD, publicado no Diário Oficial da União número 214, seção 1, página 8. Nele é resolvido que

O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL ANTIDROGAS – CONAD, no uso de suas atribuições legais, observando, especialmente, o que prevê o art. 6º do Regimento Interno do CONAD; e CONSIDERANDO que o plenário do CONAD aprovou, em reunião realizada no dia 17 de agosto de 2004, o parecer da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico que, por seu turno, **reconhece a legitimidade, juridicamente, do uso religioso da Ayahuasca**, e que o processo de legitimação iniciou-se, há mais de dezoito anos, com a suspensão provisória das espécies vegetais que a compõem, das listas da Divisão de Medicamentos DIMED, por Resolução do Conselho Federal de Entorpecentes – CONFEN, nº 06, de 04 de fevereiro de 1986, suspensão essa que tornou-se definitiva, com base em pareceres de 1987 e 1992, indicados em ata do CONFEN, publicada no D.O. de 24 de agosto de 1992, sendo os subseqüentes considerados baseados na já referida decisão do CONAD. (...) RESOLVE: Art. 1º Fica instituído GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO para levantamento e acompanhamento do uso religioso da Ayahuasca, bem como para a pesquisa de sua utilização terapêutica, em caráter

experimental. Art. 2º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO será composto por seis membros, indicados pelo CONAD, das áreas que atendam, entre outros, aos seguintes aspectos: antropológico, farmacológico/bioquímico, social, psicológico, psiquiátrico e jurídico. Além disso, o grupo será integrado por mais seis membros, convidados pelo CONAD, representantes dos grupos religiosos, usuários da Ayahuasca. (CONAD, 2004, p.8 – grifo meu)

O Grupo Multidisciplinar de Trabalho foi formado e após seis anos chegaram a um parecer final, publicado na Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010. O GMT, no caso, não se preocupou com a legalidade da ayahuasca em si para este relatório final, uma vez que ela está legal dentro do uso religioso desde 2004. As pautas discutidas pelo grupo foram, basicamente, a respeito do

cadastro das entidades; aspectos jurídicos e legais para regulamentação do uso religioso e amparo ao direito à liberdade de culto; regulação de preceitos para produção, uso, envio e transporte da Ayahuasca; procedimentos de recepção de novos interessados na prática religiosa; definição de uso terapêutico e outras questões científicas. (CONAD, 2010, p. 57)

O relatório final, assinado por 13 pesquisadores das mais variadas esferas do conhecimento – incluído aí membros de igrejas –, concluiu um processo de 25 anos em busca da legalização e legitimação das práticas religiosas que possuem a ayahuasca como base sacramental. Nele é ainda feito um retrospecto quanto ao processo de legalização e apontamentos relacionados a cada item descrito na citação acima. Uma das principais antropólogas contemporâneas que investiga a beberagem, Beatriz Labate, possui dois artigos o quais narra o percurso legal da ayahuasca. Um é intitulado *Dimensões legais, éticas e políticas da expansão do consumo da ayahuasca* (2005), o qual o leitor pode se aprofundar nos meandros da legalização no Brasil e no mundo, além de compreender a importância das igrejas ayahuasqueiras no processo e ter acesso a temas legais como fiscalização. O outro artigo é *Un panorama del uso ritual de la ayahuasca en el Brasil contemporaneo* (2001).

Etimologicamente, o termo Ayahuasca é de origem quíchua (Peru) e o significado varia entre cipó dos espíritos, vinho dos mortos e outras interpretações do gênero (JUNIOR, 1989). No Brasil, os povos nativos que utilizam da beberagem costumam chamá-la de yagé (pelos Tukano), nixi pae (pelos Yawanawá), kamarampi (pelos Aruák) dentre outras denominações (OLIVEIRA, 2010). O preparado é uma decocção de dois vegetais: *Banisteriopsis caapi* (um cipó da família

malphigiaceae) e *Psychotria viridis* (um arbusto da família rubiaceae), popularmente conhecidos como Mariri ou Jagube e Chacrona respectivamente. O cipó concentra derivados “beta-carbolínicos da harmina, tetrahydroharmina e harmalina como os principais alcaloides” (SHANON, 2002, p. 629). Enquanto que as folhas são ricas em N, N-dimetiltriptamina (DMT), N-metil triptamina e Metil-tetrahydroharmina (SHANON, 2002).



Ilustração 1: A primeira imagem mostra a Chacrona, *Psychotria viridis*, com frutas. A segunda, ao centro, foco no Jagube, *Banisteriopsis caapi*. Fonte: Erowind.

Os beta-carbolínicos presentes na *B. caapi* tem como função principal inibir uma enzima presente no Sistema Digestório chamada monoamino-oxidase (MAO) – substâncias com essas características são conhecidas por IMAO. A enzima funciona, a grosso modo, como filtro endógeno que bloqueia determinadas substâncias ingeridas cotidianamente, a permitir que o consumo de tais alimentos seja seguro. Por exemplo, sem o MAO no organismo, seria impossível consumir café, uma vez que a cafeína, sem passar pelo filtro, é nociva. No caso da ayahuasca, o DMT presente no chá necessita que o MAO do estômago seja inibido para que ele possa chegar ao cérebro. Por outro lado, pesquisadores como Claudio Naranjo (2015), afirmam que os o beta-carbolínicos presentes no cipó, principalmente a harmina, já bastariam para se chegar a um estado não ordinário de consciência (NARANJO, 2015). Algo bastante plausível, uma vez que a MAO controla os níveis de serotonina no cérebro. Ao ser inibida no organismo, favorecerá o aumento dos níveis de serotonina, molécula moduladora da atividade psíquica (LUNA, 2005), o que pode explicar a mudança de estado de consciência relatada. Naranjo salienta que “relacionar o efeito da ayahuasca meramente à

atividade não interferida da DMT é (...) considerar que a harmina ou a harmalina, por si mesma, não produzem efeitos psicodélicos” (NARANJO , 2015, p. 82). O autor defende a psicoatividade da harmina com base em relatos antropológicos de pesquisas desenvolvidas em etnias que só utilizam a *Banisteriopsis caapi* como ingrediente para o chá, além de suas próprias investigações – realizadas com aplicações de harmina diretamente na corrente sanguínea dos voluntários.

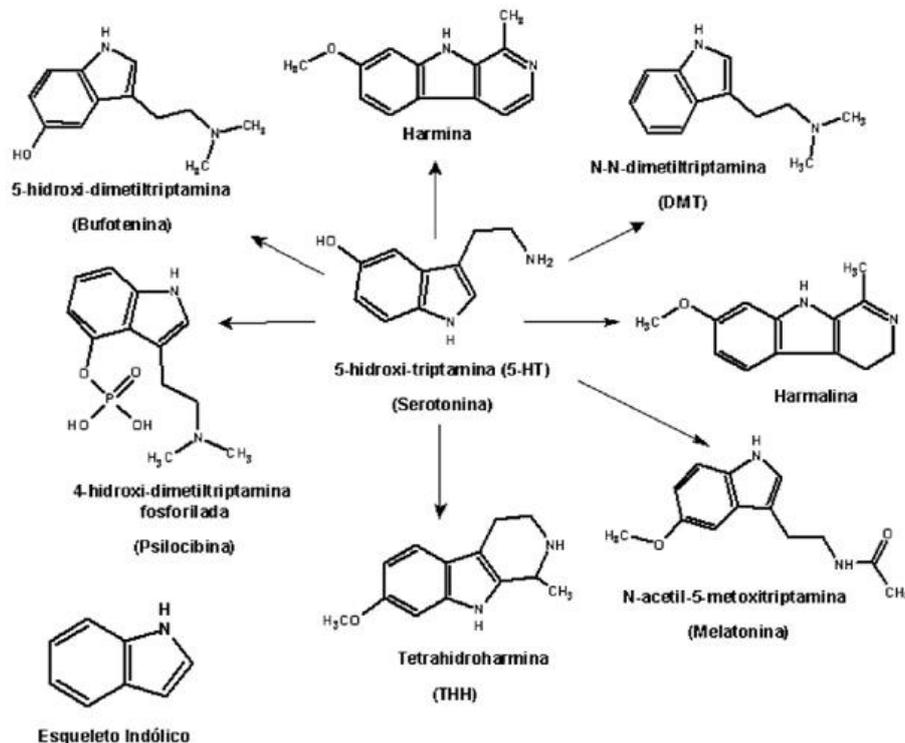


FIGURA 1. Correlação da estrutura química da serotonina (5-HT) e o esqueleto indólico com alguns alcalóides triptamínicos e b-carbólicos, o que possivelmente explicaria os diversos efeitos neurológicos dessas substâncias psicotrópicas pelas afinidades com receptores serotoninérgicos. Algumas dessas substâncias são os principais componentes do chá de ayahuasca.

Ilustração 2: Tabela demonstra as principais moléculas da ayahuasca e como elas são semelhantes a da serotonina. Fonte: DE SOUZA, 2011.

A N, N-dimetiltriptamina (DMT) é uma substância presente em diversos seres vivos, sejam eles vegetais, animais ou fungos. No reino vegetal existem desde espécies de capim (*Phalaris arundinacea*), a árvores como a Jurema-Preta (*Mimosa hostilis*), ricos no psicoativo. Nos fungos, a maioria contém pequenas quantidades de DMT em sua composição. Enquanto nos animais, o DMT está presente em todos os mamíferos e nos humanos sua ocorrência é nos tecidos do pulmão,

cérebro, sangue, fígado e coração (SHANON, 2002, p. 632). Diversas são as especulações sobre a função do DMT no cérebro. Alguns sugerem uma função onírica, que propiciaria os sonhos (CALLAWAY, apud MIKOSZ, 2014). Outros, como Rick Strassman, acreditam que a glândula pineal pode secretar doses elevadas de DMT ao ser estimulada apropriadamente como na meditação ou em experiências de quase morte (DMT, 2010).

Enquanto efeito⁶, é atribuído ao DMT o aumento considerável das visões durante a experiência com ayahuasca, mesmo a quantidade dela sendo ínfima no composto geral do chá (MIKOSZ, 2014). A ação do alcaloide no cérebro se dá nos mesmos receptores pós-sinápticos nos quais a serotonina atua, sendo a própria molécula da DMT semelhante à da serotonina (LUNA, 2005). Na passagem abaixo o pesquisador, Luís Eduardo Luna, sintetiza a dinâmica de funcionamento e importância do chá.

Podemos dizer, grosso modo, que a ayahuasca atua simultaneamente de duas maneiras: os altos níveis de serotonina colocam a pessoa em um especial estado de alerta; a ação da DMT no sistema nervoso faz com que o sujeito esteja como que “sonhando”. Nesse estado, ele pode entrar em extraordinários espaços sensoriais, acessar o que parece ser uma fonte inesgotável de informações, ter estranhas percepções do próprio corpo e de si mesmo, transformar-se em seres não-humanos (animais, plantas ou objetos inanimados), ter contato com entidades entendidas como pertencentes a este ou a outros mundos, recordas episódios passados ou percebidos subjetivamente como intra-uterinos ou pertencentes à “vidas passadas”, ou ainda ter experiências “místicas” de muitos tipos. Trata-se, portanto, de uma grande descoberta, feita pelas populações amazônicas, a partir de uma flora de cerca de oitenta mil espécies diferentes. Não é de se estranhar que os povos do Alto Amazonas considerem a ayahuasca sagrada, e onde ela tem sido incorporada em

6 O uso ritual da ayahuasca implica em algumas reações adversas do corpo, como por exemplo: náuseas, vômitos, tonturas, parestesias, ansiedade, alterações de humor, distorção de tempo, confusão, hiperreflexia, ataxia, fraqueza, disestesias, sonolência e consciência de cor aprimorada. Todos esses possíveis efeitos são tidos como parte natural da ingestão da substância e tratada dentro do contexto espiritual como formas de limpeza de energias negativas ou transito entre a realidade ordinária e a supra realidade do chá. Não são encarados pelos participantes como efeitos de risco ou negativos derivados da bebida. Já os possíveis envenenamentos provenientes da ingestão de ayahuasca se dão pelo efeito do IMAO presente na *B. Caapi*. Este alcaloide suspende uma enzima do fígado, monoamino-oxidase (MAO), o que pode causar reações adversas no usuário caso este não tenha feito a dieta obrigatória antes da ingestão da ayahuasca. Todos os grupos/rituais que têm como base a consagração do santo daime, exigem dos participantes uma dieta prévia e posterior de três dias. A dieta serve para dar tempo do organismo eliminar substâncias ingeridas no cotidiano, como a cafeína, que, sem a proteção do MAO, tornam-se nocivas para o indivíduo. Dessa maneira, o envenenamento proveniente do consumo de ayahuasca se dá geralmente por neófitos que não seguem as instruções dadas por quem conduz o ritual. Não existem riscos da ayahuasca causar depressão e dependência, uma vez que ela, na verdade, é usada justamente no tratamento dessas duas doenças (MERCANTE, 2013; MARCHEZI, 2015; LABATE, SANTOS, ANDERSON, MERCADANTE, BARBOSA, 2009; OSORIO, 2015).

religiões sincréticas cristãs, chegou-se a identificá-la com o sacramento da eucaristia (LUNA, 2005, p. 338).

Como é possível perceber, o consumo de ayahuasca é estritamente ligado às práticas religiosas, sejam elas em tribos indígenas amazônicas ou em igrejas sincréticas. Dentre as igrejas, existem três principais no Brasil: Santo Daime, Barquinha e União do Vegetal. A principal diferença entre elas se dá nos dogmas das liturgias e nos fundadores⁷. Não irei me alongar nos pormenores de cada uma delas por fugir do escopo do texto. No entanto, aos leitores interessados em conhecer mais sobre as igrejas, indico o livro *O Uso ritual da ayahuasca*, de Beatriz Labate e Wladimir Araújo (2002), o qual sistematiza as histórias de surgimento de cada uma e suas práticas rituais. Nele há ainda um artigo da autora em que é realizado um levantamento minucioso da produção bibliográfica brasileira sobre o tema.

Em contrapartida, o uso da ayahuasca na pesquisa seria realizado dentro de um centro xamanico ligado à igreja do Santo Daime, chamada Centro Eclético da Fluente Luz Universal Céu da Lua Cheia (CEFLULUC), conhecida como Céu da Lua Cheia. Fundada por Léo Artese, em 1998, no município de Itapeçerica da Serra (São Paulo), a seguir os preceitos da linha da Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal patrono Sebastião Mota de Melo (ICEFLU) – antiga CEFLURIS, uma dissidência da igreja original, o Santo Daime, concebida por Mestre Irineu, na década de 1930, em Rio Branco, Acre (MaCRAE, 2005). A ICEFLU foi criada por Padrinho Sebastião, como é conhecido, após a morte de Mestre Irineu, por discordar da nova liderança da igreja (OLIVEIRA, 2010). A sede atual da ICEFLU, Vila Céu de Mapiá, fica no Amazonas, no município de Pauini, na Floresta Nacional do Purus⁸.

Dois fatores foram determinantes na escolha de realizar a pesquisa ligada à Igreja Céu da Lua Cheia: já haver frequentado cerimônias conduzidas por Léo Artese e, por consequência, confiar e conhecer, o trabalho dele com ayahuasca. Artese é um renomado neoxamã brasileiro com vasta experiência religiosa por meio de ENOC, tendo sido iniciado nas práticas xamanicas nos EUA, Peru e Brasil, durante a década de 1990. Sendo ainda autor de dois livros sobre xamanismo, na visão do

7 *Centro Espírita e Culto de Oração de Jesus Fonte de Luz*, ou apenas *Barquinha*, foi fundada por Daniel Pereira de Mattos, em Rio Branco (AC), em 1945. *Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – UDV*, criada por José Gabriel da Costa, em 1961 na floresta Amazônica fronteira entre Brasil e Bolívia. *Culto Eclético da Fluente Luz Universal patrono Sebastião Mota de Melo (ICEFLU)*, foi fundada em meados dos anos 1970 por Sebastião Mota de Melo.

8 Mais informações a respeito da origem e liturgia do ICEFLU podem ser encontradas no site oficial da instituição: <http://www.santodaime.org/site/religiao-da-floresta/o-santo-daime/introducao>

praticante e não do antropólogo, chamados *O Vôo da Águia* (2000) e *O Espírito Animal* (2001), ambos da Editora Roca. Artese é citado por Labate (2004) como um integrador da cultura daimista com o neoxamanismo ao levar para as cerimônias do Santo Daime aspectos diversos de outras culturas, como a dos Navajo e dos Sioux (EUA). Para a antropóloga, Artese se constitui como um bom exemplo de alguém que se propôs a “reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos” (LABATE, 2004).

Para não me alongar demais sobre a literatura antropológica, a qual em parte cito na tese, limitar-me-ei a indicar algumas referências consideradas básicas para a compreensão da ayahuasca. Com foco no uso indígena consultar Reichek-Dolmatoff (1971; 1975; 1978a; 1978b; 1996; 1997), Dobkin de Rios (1972; 1973), Furst (1976; 1990), Langdon (1979a; 1979b; 1992), Luna (1986), Luna e White (2000), Metzner (1999) e Labate e Araújo (2002). Quanto às práticas da ayahuasca em igrejas ver Polati (1984; 1992), MacRae (1992), Brissac (1999), Groisman (1999) e Sena Araújo (1999). Perspectivas botânicas e farmacológicas do chá podem ser encontradas em Chen e Chen (1939), Der Marderosian, Pinkley e Dobbins (1968), Holmstedt e Lindgren (1979), Schultes e Hofmann (1980), Schultes (197; 1982; 1986), Schultes e Winkelman (1995), Ott (1993; 1994), Callaway (1999) e Strassman (2001). Todas as indicações mencionadas são dadas pelo pesquisador Benny Shanon (2003), e me reservo o direito de replicá-las aqui por entender que faço uso dessa bibliografia de modo direto ou indireto no corpo da pesquisa, além de reconhecê-la como fundamental para qualquer aprofundamento no tema.

RESPIRAÇÃO HOLOTRÓPICA

Do grego: *holos* (todo) + *trepeis* (movendo-se em direção a), sendo holotrópica/o um neologismo criado por Stanislav Grof⁹ para se referir a técnica de respiração desenvolvida por ele em conjunto com a esposa, Christina Grof¹⁰, na segunda metade dos anos 1970 (GROF, 2010). O

9 PHD, psiquiatra tcheco, nascido em 1931, é professor do *California Institute of Integral Studies* em São Francisco e fundador da *Internacional Transpersonal Association*. Um dos fundadores da psicologia transpessoal, Stanislav possui mais de 40 anos de experiência em pesquisa e terapia com estados incomuns de consciência e é autor e organizador de diversos livros, como *Psicologia do Futuro: lições das pesquisas modernas da consciência*; *Jogo Cósmico: exploração das fronteiras da consciência humana*; e *Mente holotrópica*. (GROF, 2010)

10 PHD, é cocriadora da Respiração Holotrópica, fundadora da Rede de Emergência Espiritual (SEN –

termo holotrópico, ou “movendo-se em direção ao todo”, surge como referência a propriedade das plantas de virarem para a direção do Sol – heliotrópico (GROF, 2010). A proposta de sentido é a mesma, mas ao invés da luz solar, o indivíduo se volta para a luz interior, o seu eu superior, latente em todos os seres humanos. Grof (2010) identifica tal aspecto com a dimensão espiritual. Sendo ela tão importante quanto qualquer outra dimensão psíquica do ser humano, entendida por ele como o âmbito Transpessoal – algo além do humano, no sentido da integralização do indivíduo com o todo, o cosmos.

O reconhecimento do papel fundamental da consciência cósmica (*anima mundi*, segundo C. G. Jung) no esquema universal das coisas e a aceitação da existência do inconsciente coletivo logicamente levam à conclusão de que a busca espiritual com base na experiência direta é um aspecto verdadeiro e essencial da vida humana (GROF, p. 13, 2010).

A experiência direta mencionada por Grof na citação acima, se refere as experiências psicodélicas e/ou transcendentais induzidas por substâncias ampliadoras da consciência ou por meditação, dança, música, técnicas de respiração, dentre outras. Foi numa experiência semelhante, por meio do LSD, que o pesquisador despertou o interesse pelos estudos a respeito dos ENOC. O fascínio de Grof pelos ENOCs começa ainda estudante, nas pesquisas a envolver o LSD – principalmente após a primeira experiência como voluntário na investigação de um professor. Posteriormente, durante o período de 1960 a 1967 esteve a frente de diversas pesquisas sobre utilização clínica de drogas psicoativas no *Psychiatric Research Institute*, em Praga (AL JARDIM, 2016). Em 1967, recebe um convite para se juntar a equipe do *Clinical and Research Fellow*, na *Johns Hopkins University*, em Baltimore, EUA. No ano de 1973 tornou-se professor residente no *Esalen Institute*, em Big Sur, Califórnia, EUA, onde residiu até meados da década de 1980. Foi durante esse período que ele desenvolveu a Respiração Holotrópica.

A necessidade de criar uma técnica indutora de estados ampliados de consciência sem a necessidade de um psicotrópico se deu pela proibição, nos EUA em 1975, do LSD em pesquisas clínicas (BOROSON, 2016). Com a impossibilidade de dar continuidade as investigações e terapias anteriormente conduzidas, Stanislav Grof se juntou a Christina Grof para darem forma a um método de ampliação da consciência com base apenas na prática respiratória.

Spiritual Emergency Network), e autora de diversos livros, como *Emergência Espiritual; Sede de plenitude: apego, vício e o caminho espiritual*; e *A tempestuosa busca do ser*. (GROF, 2010)

A proposta do casal foi desenvolver um modo simples de respiração contínua que levasse a um estado de consciência diferenciado. As referências para essa nova técnica de respiração se deram a partir de métodos já conhecidos e desenvolvidos por milhares de anos, como por exemplo a respiração Kundalini ou o Pranaiaama. Ambas as práticas são hindus e possuem relação com o yoga e meditação. As diferenças principais entre a respiração holotrópica e outros processos de ampliação da consciência por meio do oxigênio é o intuito da respiração, o ambiente musical e a função do acompanhante durante as sessões (GROF, 2010). Na prática da respiração holotrópica, o respirante fica deitado, com os olhos fechados (por vezes vendados) e são instruídos a respirarem mais rápida e profundamente do que o normal. No ambiente há música étnica (nativa e/ou mantras) e instrumentais em alto volume. A música serve para guiar a experiência passando sensações específicas intrínsecas à musicalidade e para ajudar na concentração (GROF, 2010). Na citação abaixo, Grof explicita a mecânica da música nas respirações.

A sessão costuma começar com música dinâmica, fluida e emocionalmente positiva e empolgante. À medida que a sessão continua, ela gradualmente aumenta de intensidade e passa para partes rítmicas fortes – criações de músicos contemporâneos, composições clássicas menos conhecidas ou gravações de música étnica, ritual e espiritual de diversas culturas do mundo. Cerca de uma hora e meia após o início da sessão de Respiração Holotrópica, quando a experiência geralmente atinge o ápice, introduzimos o que chamamos de “pico” ou “música de ruptura”. As seleções usadas nesse momento variam de música sacra – missas, oratória, réquiem ou *dhikrs* sufis – e peças fortes de orquestra a trechos de trilhas sonoras de filmes dramáticos. Na segunda metade da sessão, a intensidade da música diminui aos poucos e acrescentamos músicas positivas e emocionantes (“música do coração”). Por fim, no término da sessão, a música possui uma qualidade calmante, fluida, atemporal e meditativa (GROF, 2010, p. 41).

O ato de respirar mais rápido e profundo leva o respirante a experienciar o que na medicina clínica é chamado de “síndrome da hiperventilação” (GROF, 2010), tendo até mesmo status de distúrbio. Porém, como explicado por Grof (2010), tal categorização do fenômeno só demonstra o quanto a medicina tradicional desconhece o fato (ou ignora suas implicações). De acordo com ele,

Já realizamos mais de 35 mil sessões de Respiração Holotrópica e descobrimos que a compreensão médica atual a respeito dos efeitos da respiração mais rápida está incorreta (...) a respiração rápida durante um período de três a quatro horas não leva a síndrome clássica de hiperventilação, mas ao relaxamento progressivo, a sensações sexuais intensas ou até a experiências místicas (GROF, 2010, p. 42).

Importante salientar que o *respirante* possui ao lado, durante todo o tempo de respiração, um acompanhante, que também foi ou será um *respirante* no decorrer da sessão – além dos próprios facilitadores (psicólogos treinados no *Grof Transpersonal Training*). Ao término da respiração, os participantes são convidados a uma outra sala para desenharem mandalas, como forma de expressarem o visto/sentido ao longo do processo – numa espécie de arte terapia. Após todos terem feito suas mandalas, retornam para uma sala comum (geralmente onde foi realizada a respiração) para cada um expor a própria experiência ao grupo. Segundo Grof (2010), os facilitadores não são estimulados a interpretar as falas dos respirantes (como em uma interpretação de sonhos freudiana), apenas aproximarem aspectos da experiência com as Matrizes Perinatais Básicas – MPB.

É justamente nessa base teórica desenvolvida pelo psiquiatra que ele extrapola os conceitos de Freud e Jung. Para Grof (2010), os modelos teóricos construídos pela dupla não conseguem abarcar as experiências com ENOC, na verdade, “se mostram extremamente inadequados” (GROF, 2010, p. 14). Grof julga ser necessária uma reavaliação “radical” do entendimento que se tem das dimensões psíquicas. A partir de tal compreensão, ele propõe uma nova cartografia, ampliada, que inclui dois domínios desenvolvidos por ele (GROF, 2010). O primeiro é chamado de perinatal, e se refere as memórias iniciais que o feto adquire durante a gestação, no momento do parto e logo após nascer. Tal domínio é ignorado por Jung e Freud, tendo papel central no pensamento de Grof. “Essas lembranças formam quatro grupos experienciais, todos eles relacionados a um dos estágios do nascimento, os quais podem ser denominados Matrizes Perinatais Básicas (MPB I-IV)” (GROF, p.14, 2010). O segundo domínio da psique é chamado por Grof de transpessoal.

(...) porque contém matrizes para uma rica variedade de experiências nas quais a consciência transcende os limites do corpo/ego, e os limites comuns do tempo linear e do espaço tridimensional. Isso resulta em identificação experiencial com outras pessoas, grupos de pessoas e outras formas de vida, incluindo elementos do mundo inorgânico. A transcendência do tempo permite acesso experiencial a lembranças ancestrais, raciais, coletivas, filogenéticas e cármicas. (GROF, 2010, p.14)

Por meio da ampliação da cartografia psíquica, Grof encontrou maneiras de identificar e tratar distúrbios dos mais variados tipos como asma, estresses pós-traumático, fobias, dentre outras. No entanto, o tratamento para tais condições mentais não é realizado por Grof ou por nenhum outro

facilitador em si, mas pelo próprio *respirante*. De acordo com o pesquisador, existe em cada pessoa um “curador interno” (GROF, 2010), que tem como função equilibrar as energias mentais e físicas. A atuação do curador interno propicia o sucesso da sessão de respiração holotrópica. É ele quem indicará e trará para a superfície do consciente qualquer sensação, sentimento ou lembrança que necessite ser tratada naquele momento específico. O limite para a profundidade em que o *respirante* mergulhará na experiência é determinado por ele mesmo, através da respiração.

CERIMÔNIA DE AYAHUASCA

A cerimônia para consumo de ayahuasca em que participei, juntamente com Edgar Franco, é chamada de *Jornada Xamanica Voo da Águia* e foi conduzida por Leo Artese e Fany Carolina, ambos ligados e responsáveis por uma igreja de Santo Daime, a Centro Eclético Fluente Luz Universal Céu da Lua Cheia – CEFLUCLC, sediada no interior de São Paulo. Meu intuito primário para o encontro era de nos deslocarmos até a sede da igreja para participarmos das cerimônias. No entanto, devido aos custos da viagem e choque de datas, não conseguimos comparecer em nenhum evento em São Paulo. O ritual em que estivemos presentes foi realizado em Uberlândia (MG), organizados por Luíza Galvão, como parte das atividades promovidas por ela. Galvão foi iniciada por Artese no caminho do neoxamanismo, sendo uma forma de porta-voz, na região do Triângulo Mineiro, da metodologia de aplicação do conhecimento xamânico desenvolvido por Artese.

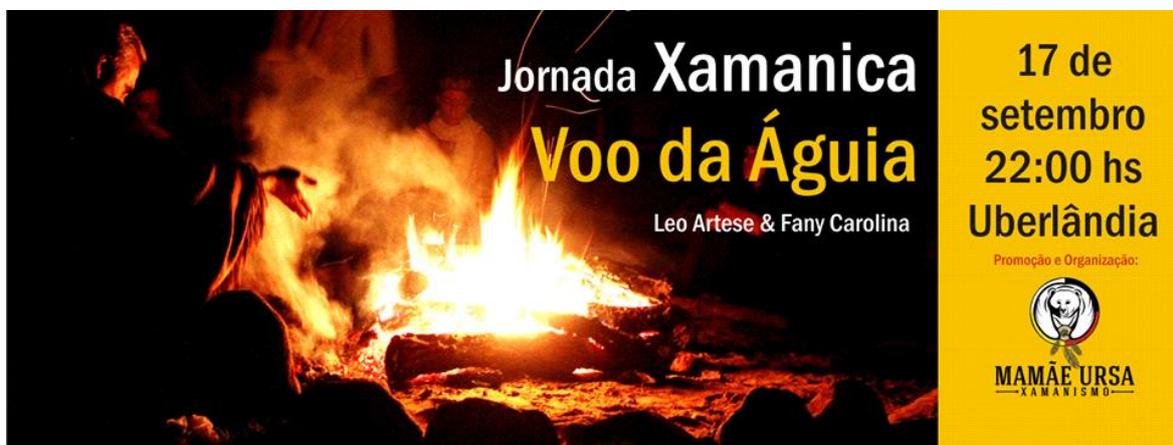


Ilustração 3: Banner de divulgação do evento Voo da Águia, em Uberlândia, Minas Gerais.

A cerimônia foi realizada em área rural a noite, com início programado para as 22 horas e o termino previsto para o raiar do sol. O local possuía uma fogueira central e envolta dela os participantes se acomodavam, podendo ser deitado ou sentado em cadeiras. A média de pessoas envolvidas na cerimônia era de 25 indivíduos. Antes de ter início, os responsáveis perguntam quem ali iria tomar ayahuasca pela primeira vez. Aqueles que se declaravam novatos eram convidados para uma conversa particular com a Fany Carolina. Ela, no caso, questiona a eles se tomam ou tomaram algum tipo de medicação recentemente ou mesmo no dia do ritual. Explica os efeitos da ayahuasca, como funciona a bebida no organismo, além de tranquilizar os principiantes quanto a segurança física e psíquica proporcionada pelo *setting*. Artese, por sua vez, explica ao outro grupo a dinâmica do ritual.

Este é desenvolvido em diversas etapas. A programação completa inclui: 1) *Consagração da Ayahuasca*; 2) *Purificação e limpeza com ervas e perfumes*; 3) *Religação com as raízes ancestrais*; 4) *Meditação: (de acordo com a estação)*; 5) *Canções de Poder e Meditações com Tambor*; 6) *Ritual do Tabaco e do Fogo*; 7) *Ritual do Rapé - A União das 3 Medicinas*; 8) *Ritual de Descasamento*; 9) *Som Orgânico*; 10) *Canções da Águia*; 11) *Cerimônia do Pau-Falante*; e 12) *Comida e Água Ritual*. Os tópicos são basicamente autoexplicativos.

Na “consagração da ayahuasca”, é importante frisar que é servido o primeiro copo, cerca de 50ml, após a defumação de abertura do ritual, logo no início. No decorrer da noite são oferecidos ainda mais duas doses. A segunda cerca de 50 minutos após a primeira dose. A terceira leva um pouco mais de tempo e é oferecida por volta de duas horas depois da segunda dose. Os participantes não são obrigados a beberem, toma quem sentir necessidade. Mesmo sendo oferecidas três doses aos presentes, Artese frisa que a bebida está aberta a quem solicitar mais até o momento em que ele decidir encerrar a oferta do chá (por volta de duas horas antes do nascer do sol).

Outras atividades da programação, como os itens dois, três, quatro, cinco e dez, destacados acima, são desenrolados durante a cerimônia naturalmente, sem a necessidade de se chamar a atenção dos participantes. Por exemplo, o item cinco, “Canções de Poder e Meditações com Tambor”, as músicas são entoadas durante todo o ritual, não há um momento para isso acontecer, assim como as meditações com tambor. Diferentemente dos itens seis, sete, oito, nove, onze e doze. Cada um destes momentos na cerimônia são muito bem demarcados. O item seis, “Ritual do Tabaco

e do Fogo”, ocorre cerca de 40 minutos após ser servida a primeira dose de ayahuasca. É o momento em que Artese passa a tocar um chocalho e a entoar uma canção que incita o “guardião do fogo¹¹” a aumentar o tamanho das chamas.

Quando a fogueira já está com o fogo alto o bastante, o condutor convida os participantes a pegarem um graveto e mentalizarem nele algo que gostariam de destruir. Por exemplo, um vício, ou mal hábito, ou mesmo sentimentos negativos. Depois de mentalizar no graveto as intenções, deve-se colocá-los na fogueira, como um presente ao fogo. Já a parte do tabaco envolve baforar um cigarro de palha, sem tragar, como uma forma de levar as intenções/orações ao Grande Espírito por meio da fumaça – tradição Lakota. Terminada esta etapa, em seguida Artese pergunta quem ali gostaria de “descasar” de uma forma espiritual – separando o que Deus uniu, como é dito no momento. Caso não tenha ninguém nesta situação, é dado sequência ao ritual. Se houver alguém com interesse em “descasar”, é realizado o rito do descasamento.

Cerca de quatro horas depois do início da cerimônia, já passada a segunda dose de ayahuasca, é iniciado o ritual do rapé – uma mistura de pó de tabaco com cinzas de casca de árvores. O rapé é insuflado no nariz por meio de um instrumento indígena em formato de V chamado *Tepi*. O rapé possui um efeito praticamente instantâneo, levando muitas das vezes os indivíduos a violentas crises de vômito, como uma forma de limpeza físico espiritual. É usado no ritual da maneira como os Yawanawa, do Acre, utilizam – como um completo às cerimônias de ayahuasca. Assim como o rapé, outra medicina da floresta utilizada no mesmo contexto, e inserida no trabalho desenvolvido por Artese, é o colírio Sananga – feito com o suco de uma batata amazônica. Com o colírio é fechado o ciclo das três medicinas: ayahuasca, rapé e sananga. Destaco aqui que a poética da tese não possui relação com estas duas outras medicinas.

O “som orgânico” é a abertura dada pelos condutores para quem quiser se expressar com cantos e música. Muitos dos participantes levam seus próprios instrumentos musicais e neste momento tocam e cantam, geralmente, músicas típicas deste tipo de trabalho com ayahuasca, seja de raízes acriana ou mesmo inca. A “cerimônia do Pau-Falante” encerra o ritual. Esta é baseada também em uma tradição Lakota e consiste em um pedaço de pau que foi feito e consagrado pelo dono com a intenção de ser um veículo de comunicação. Aquele que está com o pau-falante possui a

11

Guardião do Fogo é o nome dado aqueles que são designados a manterem as chamas da fogueira acesa durante todo o ritual.

palavra na roda. Ninguém ali pode se expressar enquanto outro está com a palavra. Neste momento é quando os participantes compartilham as experiências vividas durante a jornada. Após todos falarem, o trabalho é oficialmente encerrado com um café da manhã.



Ilustração 4: Foto de encerramento da Jornada Xamanica Voo da Águia, dia 17/09/2016. No canto esquerdo, abaixada, está Luísa Galvão, organizadora do evento; mais ao centro estão Leo Artese e Fany Caroline, os condutores da cerimônia. No canto direito, abaixado sou eu, Matheus M. Silva; enquanto de cartola, na extrema direita, é o orientador desta pesquisa, prof.º Edgar Franco.

OFICINAS DE RESPIRAÇÃO HOLOTRÓPICA

As oficinas, ou *workshops* como chamam, de respiração holotrópica são realizadas em Goiânia, Goiás, uma vez por mês no Centro de Educação e Psicoterapia – CEP. As sessões são conduzidas pelos terapeutas Álvaro e Dora Veiga Jardim. Na sexta-feira anterior ao dia da respiração, aos novatos é exigida a presença para uma palestra. Neste encontro o casal explica sobre o pensamento de Stanislav Grof, falando sobre a trajetória de vida do pesquisador, suas teorias, dando ênfase nas Matrizes Perinatais, além de tirar dúvidas. Os participantes aproveitam para expor as buscas individuais por meio de ENOC.

No sábado seguinte, a respiração está marcada para as 8hs da manhã. Assim que todos estão

presentes, o casal fala do processo de cada um com a holotrópica e com os ENOC em geral. É dada ainda a palavra aos respirantes para exporem brevemente os anseios e expectativas com a holotrópica. Terminado, os participantes se reúnem em duplas. Um irá respirar durante o período da manhã, enquanto o outro fica de acompanhante, para ajudar o respirante caso seja necessário. Algumas pessoas, e vi isso durante as sessões, levantam, gritam, se debatem, podendo levar o respirante a se machucar. O acompanhante, no caso, está ali para ajudar em ocasiões extremas como essas ou apenas para entregar guardanapos para enxugar lágrimas, caso seja solicitado. No turno da tarde, as tarefas se invertem, quem respirou passa a acompanhar. Dentre as oficinas em que estive presente, o maior número de participantes foi oito, a formar quatro duplas. E o menor grupo foi de três respirante. Eu e Edgar Franco participamos juntos de duas sessões de respiração holotrópica.



Ilustração 5: Foto de encerramento do *workshop* de Respiração Holotrópica, realizada no mês de novembro de 2016. No canto esquerdo está Álvaro Jardim e ao centro Dora Jardim, organizadores do evento; em seguida está o orientador desta pesquisa, prof.º Edgar Franco, e no canto direito eu, Matheus M. Silva.

Para o início da respiração, é feito um relaxamento com os respirantes. Após todos estarem devidamente acomodados, vendados e relaxados, é aumentado o volume da música, ao ponto dela

preencher completamente os sentidos. É possível sentir a música pulsar dentro do peito a vibrar os órgãos internos. São melodias instrumentais, algumas com vocal, mas todas em línguas exóticas estrangeiras. Não existe segredo com a técnica de respiração. Cada um encontra o próprio ritmo. É dada apenas a indicação de respirar mais rápido e profundamente do que o normal. Durante as minhas primeiras sessões, no início da respiração, a hiperventilação causou um formigamento extremo nas mãos, pelve e pés. Com o passar das sessões, passou. Franco descreve ter sentido algo semelhante.

Tenho muita facilidade para acessar estados ampliados de consciência e após 10 minutos respirando comecei a sentir um forte formigamento nas mãos e pés, como se uma energia poderosa se apossasse deles. Nessa hora tive alguns impulsos eróticos e senti a energia ficar ainda mais elevada na região dos genitais. De olhos fechados - é importante salientar que a respiração acontece com os olhos fechados - eu vislumbrava meu corpo como se fosse um campo de radiação poderoso, em tons de amarelo e vermelho. (FRANCO, 2014, s/p)

Cada turno de respiração dura em torno de 2:30hs a 3hs, vai depender do processo de cada respirante. Os terapeutas não costumam interromper a respiração de alguém, esperam até que abram os olhos para se aproximarem. Após todos terem respirado, são convidados a uma sala anexa para criarem as mandalas. As mandalas estão integradas no sistema da respiração holotrópica. Nas minhas duas primeiras oficinas, não desenhei - ao contrário de Franco que chegou a fazer uma HQ depois da respiração. Fiquei bastante impactado com as experiências e desmotivado para expressar algo plasticamente naquele momento. Na sessão em que desenhei a segunda mandala, respirei em companhia de Franco e aproveitamos para unir uma frase síntese minha com uma sequencia narrativas de imagens que ele criou no lugar da mandala. O resultado faz parte da poética da tese. A frase escrita foi: "*A unidade cósmica só surge/ocorre no viver a própria solidão*". Nas ilustrações abaixo estão as duas mandalas que fiz, a de Edgar Franco e uma página de HQ desenhada por ele após a sessão holotrópica.



Ilustração 6: A primeira mandala, com formas vermelhas, ilustram manchas vermelhas que vi durante a respiração. A segunda mandala é formada por colagens de revistas sobrepostas por azul (giz de cera). Durante a sessão senti medo e identifiquei-o com a cor azul.

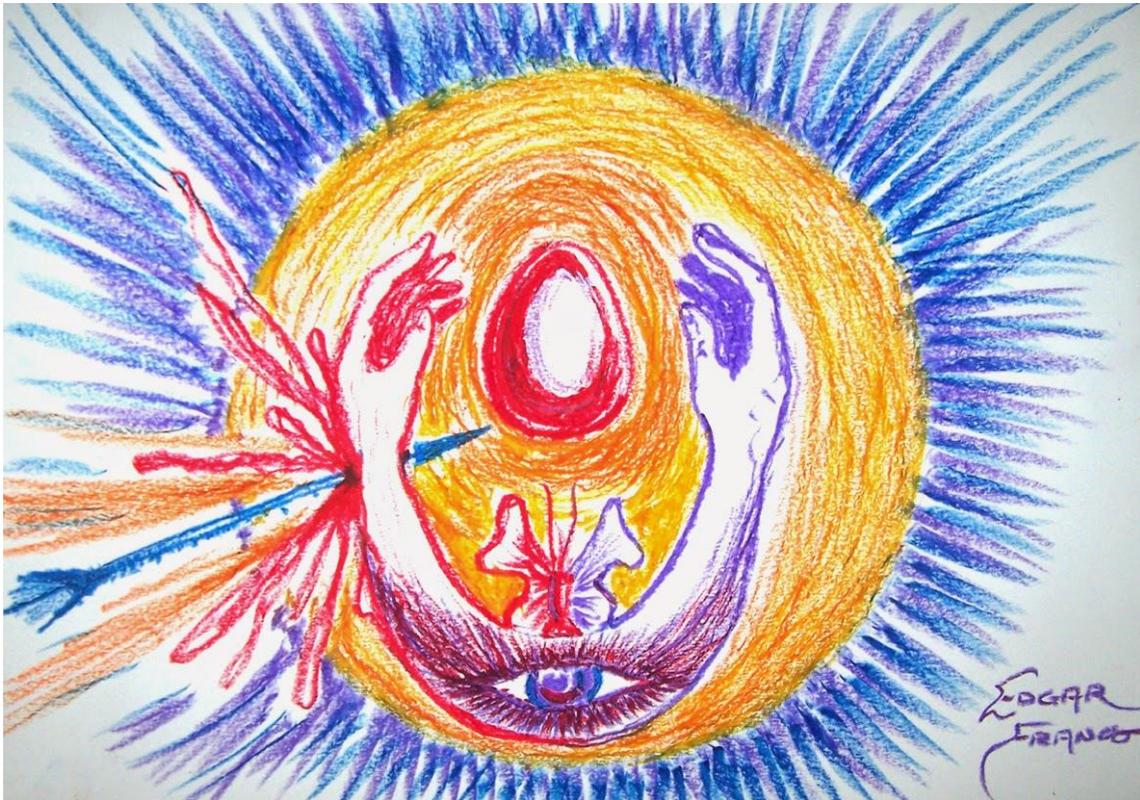


Ilustração 7: Mandala realizada por Edgar Franco após primeira sessão de respiração holotrópica, em 2014. Fonte: <http://ciberpaje.blogspot.com.br/2014/07/respiracao-holotropica-estados.html>



Ilustração 8: Página HQ/mandala desenhada por Franco após segunda experiência de respiração holotrópica. Fonte: <http://ciberpaje.blogspot.com.br/2016/06/o-demonio-e-o-ourobouros-respiracao.html>

Terminada as confecções das mandalas, todos voltam para a sala de respiração. Nesta parte final, todos são incentivados a compartilharem da experiência com os demais. Algo semelhante à cerimônia do “pau-falante” na roda de ayahuasca. Acredito que em ambos os casos, expor aos presentes as próprias experiências se torna parte da terapia, como forma de auto processamento das informações e sensações dos ENOC. Álvaro e Dora, no caso, não interpretam as falas, em raros momentos buscam aproximar as experiências dos respirantes com as teorias de Grof.

CONSIDERAÇÕES

O intuito maior deste texto, como ressaltado antes, é discorrer quanto ao contexto em que as experiências foram realizadas, sejam elas com ayahuasca ou respiração holotrópica. Por isso o foco não ser nos processos criativos, em si, dos quadrinhos derivados de ENOC. Edgar Franco, por ele mesmo, discute os próprios processos criativos desse tipo de HQs no livro *Quadrinhos Expandidos: Das HQtrônicas aos plug-in de neocortex* (2017), da editora Marca de Fantasia. Os trabalhos de

Edgar Franco (2017) derivados de ENOC vão muito além do escopo da pesquisa de doutorado explicitada aqui, como ele deixa claro no referido livro. O conceito de arte visionária, o qual indica as obras derivadas de visões de ENOC, é ampliado pelo artista para o sentido de arte expandida, ou como se refere “quadrinhos expandidos” (FRANCO, 2017). Na verdade, os trabalhos visionários estariam dentro do conceito dado por ele de “expandido”, a se referir às obras feitas por diversas técnicas diferentes de ampliação da consciência, intuição e sensibilidade.

Porém a legitimação acadêmica para este tipo de pesquisa surge com meu doutoramento. A partir dele abriu-se novas possibilidades de pesquisa no âmbito da UFG. Este projeto foi o primeiro dentro da universidade a ter aprovado o uso de ayahuasca e respiração holotrófica pelo próprio pesquisador e orientador. Tanto que em conversas informais nos bastidores da instituição, fiquei sabendo que durante um evento de ética em pesquisa, fui citado como exemplo de projeto inédito dentro da UFG.

A pesquisa foi ainda alvo de duras críticas e tentativa de censura por parte da coordenação da Faculdade de Artes Visuais. Tanto eu quanto Franco (o orientador) fomos chamados, em dias separados, para uma reunião fechada com a coordenação do programa de pós-graduação. A reunião consistiu na tentativa de censura do projeto, sendo até mesmo proibidos de enviá-lo ao comitê de ética da instituição. O mal estar gerado teve efeito contrário ao esperado pelos censores. Motivados em dar continuidade a investigação, Franco sugeriu que seguisse com a pesquisa de modo teórico, deixando a vivência com ENOC para uma investigação paralela, alheia à academia.

No entanto, já quase na metade do período de doutorado, houve a troca de coordenação no programa de pós-graduação e, ao contrário de antes, passei a ser incentivado a enviar o projeto ao comitê de ética. Seriam eles quem definiriam se a pesquisa seria realizada como originalmente proposta ou não. Para enviar o projeto ao comitê precisei (juntamente com Franco) realizar exigências legais necessárias para o cumprimento das normas. Por exemplo, foi necessário avaliação psiquiátrica de ambos como prova de capacidade mental para seguir com tais experimentos. Além de buscar o consentimento legal dos responsáveis por ministrar o chá ou facilitar a respiração, dentre outros. Da readequação do projeto até conseguir todos os documentos se passou quase um ano. Quando recebi a aprovação final, já havia transcorrido um ano da primeira submissão ao comitê.

Com o projeto aprovado foi iniciada, de fato, a pesquisa. Em conjunto com Franco,

participei de duas sessões de Respiração Holotrópica. Somente na segunda foi possível desenvolver algo em conjunto. Para a ayahuasca, devido a imprevistos de datas, só foi possível para Franco participar de uma cerimônia. Caso a pesquisa não houvesse sido sabotada, haveria tempo de sobra para remanejar datas. Porém, perdi um ano até ser motivado a enviar o projeto ao Comitê de Ética. Razões como as explicitadas acima justificam a necessidade de um artigo como este. Não foi um trâmite tranquilo chegar até à autorização para iniciar a pesquisa. É preciso ser transparente ao realizar uma investigação como esta. Principalmente para aqueles que se interessam pelo tema. Assim podem conhecer um pouco mais o que pode acontecer em uma universidade para se conseguir aprovar um projeto que tenha como escopo o uso de psicotrópicos e ENOC em geral. O resultado desta pesquisa pode ainda influenciar o futuro de investigações semelhantes na UFG, sejam nas Artes ou em outras áreas do conhecimento. Tanto eu quanto Franco temos ideias para novos desdobramentos de experiências com ENOC a partir do desenrolar da tese. O campo é inexplorado, aberto e novo. Há muito ainda do inconsciente a ser trazido a superfície por meio da arte, principalmente em quadrinhos.

REFERÊNCIAS

BOROSON, Martin. *Radar para o infinito*. Goiânia: Al Jardim, 1998. Disponível em: <http://www.aljardim.com.br/artigos/5.pdf> Acesso em: 10 out. 2016.

CAMIÑO DI RATO. *Over 12*. Uberlândia: Matheus Moura, nº 1, nº 6, fevereiro de 2013.

CONAD. *Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010*. Dispõe sobre a observância, pelos órgãos da Administração Pública, das decisões do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas - CONAD sobre normas e procedimentos compatíveis com o uso religioso da Ayahuasca e dos princípios deontológicos que o informam. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, ano CXLVII, n. 17, 26 janeiro. 2010. Seção I, p. 57-60.

CONAD. *Resolução nº 4, de 04 de novembro de 2004*. Dispõe sobre o uso religioso e sobre a pesquisa da ayahuasca. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, ano CXXI,

n. 214, 08 nov. 2004. Seção I, p. 8.

DMT – *The spirit molecule*. Direção: Mitch Schultz. Produção: Mitch Schultz. Intérpretes: Steven Barker, Susan Blumenthal, Erik Davis, Patricio Dominguez, Cynthia Geist, Neal Goldsmith, Alex Grey, Roland Griffiths, Charles Grob, Graham Hancock, Kathleen Harrison, James Kent, Dennis J. McKenna, Terence McKenna, Ralph Metzner, Jeremy Narby, Rick Strassman e outros. Roteiro: Mitch Schultz e Rick Strassman. USA: Mythaphi, 2010. 1 DVD (115MIN), Color. Produzido por Mythaphi.

FRANCO, E.. *Respiração Holotrópica: Estados ampliados de consciência e processos criativos - Entrevista ao Ciberpajé*. Goiânia, A arte do Ciberpajé Edgar Franco, 9 de julho, 2014. Entrevistado por Danielle Barros.

FRANCO, E.. *Quadrinhos Expandidos: Das HQtrônicas aos plug-in de neocortex*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2017.

GROF, Stanislav; GROF, Christina. *Respiração Holotrópica: Uma nova abordagem da autoexploração e terapia*. Rio de Janeiro: Capivara, 2010.

JUNIOR, Sangirard. *O índio e as plantas alucinógenas*. Rio de Janeiro, ed. Alhambra. 1989.

LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (Orgs). *O uso ritual das Plantas de Poder*. São Paulo: FAPESP/Mercado das Letras, 2005.

LABATE, Beatriz Caiuby. *O uso ritual da Ayahuasca*. São Paulo: Mercado de Letras. 2002

LABATE, Beatriz Caiuby. *Un panorama del uso ritual de la ayahuasca en el Brasil contemporaneo*. In: MABIT, Jacques (org). *Ética, Mal y Transgresión - memoria del Segundo Foro Interamericano Sobre Espiritualidad Indígena*. Lima: Takiwasi e Cisei, 2001, pp. 73-90.

LABATE, B.C., SANTOS, R.G., ANDERSON, B., MERCADANTE, M., BARBOSA, P.C.R.

Considerações sobre o tratamento da dependência por meio da ayahuasca. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2009. Disponível em: www.neip.info.

LUNA, Luis Eduardo. *Narrativas da Alteridade: a ayahuasca e o motivo de transformação em animal.* In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (Orgs). *O uso ritual das Plantas de Poder.* São Paulo: FAPESP/Mercado das Letras, p. 333-352, 2005.

MaCRAE, Edward. *Santo Daime e Santa Maria: uso religiosos de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas.* In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (Orgs). *O uso ritual das Plantas de Poder.* São Paulo: FAPESP/Mercado das Letras, p. 459-488, 2005.

MERCANTE, Marcelo S.. *A ayahuasca e o tratamento da dependência.* Mana [online]. 2013, vol.19, n.3, pp.529-558. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132013000300005>.

MARCHEZI, Fabiana. *Ayahuasca alivia efeitos da depressão recorrente, conclui estudo.* Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2015/04/28/ayahuasca-alivia-efeitosda-depressao-recorrente-conclui-estudo.htm>. Acessado em 22/04/2016.

NARANJO, Claudio. *Ayahuasca: a enredadeira do rio celestial.* Simões Filho (BA): Kalango, 2015.

OLIVEIRA, Daniel Martinez de. *A ayahuasca e seus usos culturais.* Revista Tessituras, Número 1 – Maio / 2010, ISSN: 2177-0441.

OSORIO, Flávia de L. et al . *Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with recurrent depression: a preliminary report.* Rev. Bras. Psiquiatria., São Paulo , v. 37, n. 1, p. 13-20, Mar. 2015 delictimes.com/sananga/scientific-studies-hint-at-how-sananga-eye-drops-treat-ocular-diseases/

SHANON, Benny. *A ayahuasca e o estudo da mente.* In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO,

Wladimir Sena (Orgs). O uso ritual da Ayahuasca. São Paulo: FAPESP/Mercado das Letras, p. 681-710, 2002.

SILVA, Matheus Moura. *Processos criativos de histórias em quadrinhos poético-filosóficas: investigação teórica e produção poética*. 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. SILVA, Matheus Moura. *Processos criativos de histórias em quadrinhos poético-filosóficas: investigação teórica e produção poética*. 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

_____. *Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco*. Revista Plurais [online]. 2014, v. 4 n.1, p. 160-192. ISSN 2238-3751. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/2761/1777>